



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

BEATRIZ SILVA E SILVA

AS ATITUDES LINGUÍSTICAS E IDEOFONES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
OXÓSSI DA RIBEIRA EM MOJU-PA

ABAETETUBA-PA

2025

BEATRIZ SILVA E SILVA

**AS ATITUDES LINGUÍSTICAS E IDEOFONES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA OXÓSSI
DA RIBEIRA EM MOJU-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem- FACL, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pires Dias

ABAETETUBA-PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- S586a Silva, Beatriz Silva E.
As Atitudes Lingüísticas e Ideofones na Comunidade
Quilombola Oxóssi da Ribeira em Moju-PA / Beatriz Silva E Silva.
— 2025.
37 f.: il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Pires Dias
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua
Portuguesa, Abaetetuba, 2025.
1. Atitudes linguísticas. 2. Ideofones. 3. Comunidade
quilombola. 4. Variação linguística. 5. Percepção de fala. I.
Título.

BEATRIZ SILVA E SILVA

**AS ATITUDES LINGUÍSTICAS E IDEOFONES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
OXÓSSI DA RIBEIRA EM MOJU-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem-FACL, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pires Dias

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Marcelo Pires Dias (orientador)

Universidade Federal do Pará

Dr. Robson Borges Rua (membro interno)

Universidade Federal do Pará

Ma. Ana Paula Tavares Magno (membro externo)

Secretaria de Estado de Educação do Pará

ABAETETUBA-PA

2025

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	5
2.1	Sociolinguística variacionista	5
2.2	As atitudes linguísticas.....	7
2.3	Ideofones	8
3	PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	10
3.2	Localidade pesquisada	10
3.3	Perfil dos informantes	11
3.4	Instrumento para a coleta de dados	12
3.5	Questionário qualitativo de atitudes	13
4	DESCRIÇÃO E RESULTADO DOS DADOS	13
4.2	Atitudes linguísticas e a variável “sexo”	14
4.3	Atitudes linguísticas e a variável “faixa etária”	20
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	30
	ANEXO	

AS ATITUDES LINGUÍSTICAS E IDEOFONES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA OXÓSSI DA RIBEIRA EM (MOJU-PA)

Beatriz Silva e Silva¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever as atitudes linguísticas em relação ao uso de ideofones na comunidade Quilombola Oxóssi da Ribeira, localizada no município de Moju, no Estado do Pará. A pesquisa se fundamenta na perspectiva e fundamentos da Sociolinguística, com ênfase nos estudos sobre variação e percepção linguística, particularmente nos estudos sobre crenças e atitudes linguísticas. Partimos de uma abordagem quantitativa, por meio da aplicação de questionário de atitudes com e sem estímulo de fala a um grupo de informantes estratificados em faixa etária e sexo/gênero. Delimita-se à descrição e interpretação das avaliações dos próprios falantes da comunidade, com foco na percepção do uso dos ideofones em contextos espontâneos de fala. Os resultados indicam a presença de ideofones na oralidade local, com variações significativas nas atitudes dos falantes da comunidade, marcada por fatores sociais de idade e gênero. A análise evidencia a importância das percepções dos próprios falantes sobre sua atitude na variação linguística e contribui para mapeamentos de práticas discursivas de pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas; Ideofones; Comunidade Quilombola; Variação sociolinguística; Percepção de fala.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata das atitudes linguísticas diante do uso de ideofones, na comunidade Quilombola Oxóssi da Ribeira, situada no município de Moju, no estado do Pará. Buscamos compreender como os falantes desta comunidade percebem e avaliam determinadas forma de expressão típicas da sua oralidade, sendo eles os ideofones, que são elementos linguísticos sensoriais e expressivos, que marcam no português falado da região, neste caso a comunidade pertencente a região do Baixo Tocantins. O trabalho está inserido no campo da sociolinguística, e toma como base os estudos sobre variação, atitudes e crenças linguísticas neste contexto.

O objetivo central deste trabalho é descrever as atitudes linguísticas em relação aos ideofones utilizados na comunidade. Para isso, os objetivos específicos desta pesquisa são: a) mapear as atitudes em relação aos ideofones usados pelos moradores na comunidade quilombola Oxóssi da Ribeira; b) analisar as percepções e atitudes dos falantes em relação ao

¹ Discente do Curso de Letras – Língua Portuguesa, Campus Abaetetuba.

uso dos ideofones; e c) discutir as implicações do uso dos ideofones na preservação da fala local. A abordagem metodológica é quantitativa.

A relevância desta pesquisa se justifica pela necessidade de promover a valorização das formas linguísticas presentes na comunidade quilombola, que frequentemente permanecem à margem dos estudos acadêmicos no âmbito da linguística. Assim, ao descrever e analisar as atitudes dos moradores da comunidade, o trabalho contribui para o avanço no campo de conhecimento sobre ideofones no Português Brasileiro. Também busca fortalecer o reconhecimento social e acadêmico da cultura e da linguagem da comunidade Quilombola Oxóssi da Ribeira, sendo assim, a pesquisa pretende promover o conhecimento científico e valorização da linguagem local.

Este trabalho terá a seguinte organização: a primeira seção trata dos Pressupostos teóricos que fundamentam o estudo, apresentando os autores e conceitos sobre as atitudes linguísticas e ideofones; a segunda seção aborda a metodologia, detalhando os instrumentos de coleta de dados, os critérios de seleção dos informantes e os procedimentos de análise; e a terceira seção é dedicada à descrição e análise dos resultados, onde apresentaremos os dados obtidos junto aos informantes, assim como as suas atitudes; já nas considerações finais detalharemos as contribuições do estudo para a descrição da diversidade sociolinguística na Amazônia paraense.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste tópico, apresentaremos a base teórica que sustenta a presente pesquisa, por meio de levantamento e análise de estudos e autores relevantes para a compreensão sobre as atitudes linguísticas e ideofones. A partir dos pressupostos teóricos tentaremos delinear uma ligação de caráter teórico com a pesquisa apresentada.

1.1 Sociolinguística variacionista

A sociolinguística surgiu na década de 1960 do século XX, como uma reação crítica às abordagens linguísticas predominantes da época, como o estruturalismo norte-americano de Bloomfield, fortemente inspirado no behaviorismo e gerativismo de Noam Chomsky. Essas

correntes tratavam a língua como um sistema abstrato e homogêneo. Saussure, fundador da linguística moderna, propôs o estudo de algumas dicotomias como,

Langue e parole – a *langue* é homogênea e social, um sistema de signos, um “tesouro” depositado, pela prática de fala, no cérebro dos falantes; é essencial. Já a *parole* é um ato individual de vontade, é heterogênea, manifestação concreta da *langue*; é acessória e accidental. O objeto da linguística, para Saussure, é a *langue*. (Coelho et al., 2010, p. 13);

Assim, defendendo uma abordagem sincrônica e diacrônica que considera apenas o estudo da língua e não da fala,

Sincronia e diacronia – correspondem a dois eixos ou perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, se faz um recorte da língua em um momento histórico (presente ou passado), como se fosse um registro fotográfico que capta as relações entre os elementos do sistema, tomando-se a língua como um estado do qual se exclui a intervenção do tempo; na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico. É a perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua. (Coelho et al., 2010, p. 13-14).

Noam Chomsky, por sua vez, postulava uma gramática como universal inata, centrada no conhecimento linguístico idealizado e não na fala real dos indivíduos, desconsiderando o desempenho

“(...) segundo a qual a língua (i) é concebida como um sistema de princípios universais; (ii) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência.” (Coelho et al., 2010, p. 14)

Em contraponto, a Sociolinguística emerge sob a liderança de William Labov, com sua proposta conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística.

A Sociolinguística variacionista, tem a sua própria teoria, conhecida como Teoria da Variação, constituída por uma abordagem teórica e metodológica, sendo fundamental para a compreensão das múltiplas formas de realização linguística existentes na comunidade da fala. Desenvolvidas a partir dos estudos de Labov (1970), em que a língua é considerada um sistema heterogêneo e dinâmico, relacionados a fatores sociais. Para Labov,

“(...) O ponto fundamental na abordagem proposta por Labov é a presença do componente social na análise linguística. Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala.” (Coelho et al., 2010, p. 22)

Essa teoria propõe que a língua seja um sistema heterogêneo, ou seja, composto por formas variadas que coexistem e que são utilizadas pelos falantes em diversos contextos. Diferentemente das abordagens ditas tradicionais, como estruturalismo e gerativismo, que levava em consideração a homogeneidade e desconsiderava os fatores sociais. “A partir desse postulado teórico, a Teoria da Variação e Mudança fornece um instrumental metodológico que permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística.” (Coelho et al., 2010, p. 24)

É perceptível que a língua possui variações em diferentes níveis, no fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo, cada ponto desse é empregado em variável linguística

Então, mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a língua é dotada de heterogeneidade estruturada, portanto, há regras, sim. Só que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes (i.e., que sempre se aplicam da mesma maneira por todos), a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis (Coelho et al 2010, p.24).

1.2 As atitudes linguísticas

As atitudes linguísticas baseiam-se por meio de julgamentos e avaliações, de como os falantes agem e pensam em relação as variáveis formas de falar, no contexto de dialetos e sotaques. Atitudes essas, podendo ser de caráter negativo ou positivo, geralmente refletem não apenas aos aspectos linguísticos, mas por questões sociais, culturais e ideológicas.

Além disso, as atitudes linguísticas são também influenciadas pela mídia, pela educação e pelas interações do cotidiano. Pois, todo falante aprendeu uma forma específica da língua de sua localidade ou comunidade, podendo ser diferente do outro, embora seja a mesma língua, nesse caso, a língua portuguesa.

Por essas razões, as percepções de teóricos diante desse estudo é fundamental para entender a diversidade linguística e as relações diante da comunicação humana.

Um dos primeiros teóricos a conceituar a atitude, Allport (1935, *apud* Fungueto p. 61) define o termo como “um estudo neuromental de prontidão, organizado através da experiência diretiva ou dinâmica sobre a resposta do indivíduo para todos os objetos e situações com as quais está relacionado”. Conforme Fungueto (*idem*), a partir desse ponto de vista, atitude é uma avaliação mais ou menos emocional que leva o indivíduo a decidir como agir. A atitude não é inata, mas desenvolve-se, organiza-se a partir de experiências. (Fungueto, p.61)

A compreensão de como as atitudes linguísticas podem resultar em formas explícitas nas percepções do falante, tem como base a psicologia social e sociológica, em como as pessoas pensam e sentem sobre uma linguagem diferente da sua e analisa como essas atitudes se manifestam na sociedade.

“A atitude significa posição, postura; modo de proceder ou agir; comportamento, procedimento; postura reveladora das disposições do ânimo para agir, reveladora dos sentimentos; reação ou maneira de ser, em relação a determinada(s) pessoa(s), objeto(s), situações etc”. (Nascentes, 1981; Borba, 2004; Ferreira, 2009; Houaiss, 2009, apud Lembrego, 2023, p. 17). “Definir o conceito de atitudes não é uma tarefa fácil, pois está relacionada a diversas áreas, daí se ouvem expressões como atitude positiva, atitude negativa, atitude preconceituosa etc”. (p. 17)

Segundo Lambert (1966), uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo interrelacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. (Lambert, 1966, p. 77-78 apud Lourenço, p. 350)

Ainda nessa linha de estudo, Lambert e Lambert (1931, apud Cardoso, p.17) “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”.

Por fim, se tratando das práticas linguísticas a partir das atitudes positivas e negativas conforme Calvet (2002) “(...) existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial e análise da língua como simples instrumento.” (p. 65)

Para Calvet (2002) “(...) temos atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de falar dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros.” (p. 73-74). Assim, as atitudes positivas tem relação a valorização e aceitação das diversas formas de falar e para as atitudes negativas podem ter relação com preconceito e discriminação de uma determinada variação linguística.

1.3 Ideofones

Bem como, as atitudes linguísticas possuem diversos estudos para seu entendimento a partir de vários teóricos, os *ideofones*, também possuem diversas definições, mas, foi primeiramente definido por Doke (1935 apud Txucarramae 2016) que significa:

(...) a representação vívida de uma ideia com sons". É uma palavra que descreve um predicado, qualificativo ou advérbio, relativamente ao modo, à cor, ao cheiro, à intensidade, à dor, ao tamanho, etc. Digamos que é como se fosse uma onomatopeia ou uma interjeição. Sendo expressivos, alguns são ambíguos e só o contexto pode dar uma interpretação correta. Os ideofones tendem a ser icônicos e a ter um comportamento sonoro-simbólico. (p. 15)

Visto que os estudos sobre os ideofones no contexto do português brasileiro ainda são escassos, principalmente ao se tratar de registro da própria fala local, apresentaremos alguns estudos sobre ideofones que servirão de base para as discussões.

A dissertação “Ideofones: um estudo no falar paraense”, de Melo (2007), destaca aspectos sobre a definição dos ideofones e como se dá no falar paraense. Representando um esforço nesse campo ao investigar o uso e as funções dos ideofones na fala dos paraenses. Retomando suas pesquisas a teóricos que inicialmente definiram o que seria os ideofones.

Doke (1935) “utiliza o termo ideofone para designar o processo de Simbolismo sonoro em Zulu, pelo fato de as expressões apresentarem peculiaridades fonéticas e terem carência de características morfológicas distintivas.” (Doke 1935 apud Melo, 2007, p. 23)

Segundo Melo 2007,

Quando se fala na função desempenhada pelos ideofones em uma língua, vários autores os descrevem como expressões que imitam sons. Porém, os ideofones não se limitam a isso, podemos encontrar também descrições, na literatura, que indicam que estes podem representar, também, sensações, formas etc. (p.26)

Para Melo (2007) os ideofones são formas expressivas recorrentes no português falado no Pará, especialmente em contextos de oralidade espontânea, revelando marcas identitárias de determinadas comunidades. Os elementos linguísticos apresentam uma forte relação icônica entre som e significado. Como exemplo podemos destacar as expressões como *fifiti*, usada para indicar algo muito pequeno, como em “mapará *fifiti*”, “*humhum*” é usado para concordar com algo como “é humhum” e “*hemhem*” usado para chamar a atenção como “hem hem, posso contar com sua ajuda”. Expressões como estas, segundo a autora, são recursos expressivos que vão além dos limites do vocabulário, preservados por grupos sociais. Então, Melo (2007) diz que:

Após a análise dos dados e a conseqüente descoberta dessa possível universalidade entre o ideofones de diferentes línguas, a preferência pela modalidade oral, é que urge ratificar com os próprios falantes da língua se essa característica procede, e se há outra possibilidade de interpretação das construções. (p. 65)

Em outra pesquisa com relação aos ideofones na fala local, especificamente na fala paraense, temos um outro estudo como base intitulado em “atitudes linguísticas diante dos ideofones na variedade do português falado em Cametá-PA” de Silva (2019), trata das reações que foram manifestadas sobre o modo de falar dos cametaenses, diante dos ideofones na variedade do português falado na região. Segundo Silva (2019)

sobre os ideofones, as características heterogêneas visíveis de língua para língua interessaram linguistas na observação e organização de relatórios para a compreensão de suas definições, funções e classificações. Costa (2017) evidencia que foram nas línguas africanas, no século XIX e início do XX, que os estudos conduzidos por Vidal (1852), Junod (1896), Whitehead (1899) e Westermann (1905) reconheceram a presença de um conjunto de palavras com forte marcação de percepção sensorial.

Com base ao tratamento e análise dos dados coletados com 16 informantes na pesquisa de Silva (2019) diante dos ideofones, segundo a autora, são recursos expressivos da fala local cametaense, os elementos linguísticos, geralmente, são marcados por reduplicações, simbolismo sonoro e alongamento vocálico, funcionam como estratégias de representação sensorial e comunicativa no cotidiano dos falantes. Ainda, segundo a autora, mesmo com pouco estudos no português brasileiro, os ideofones desempenham um papel fundamental na construção da identidade linguística regional. Com base nos resultados de Silva (2019), indicam que os ideofones presentes na variedade linguística do português falado em Cametá-PA constituem recursos expressivos significativos, recorrendo a estratégias como reduplicações, prolongamentos e entonações específicas para intensificar sentidos e representar sensações. A autora destaca que tais elementos cumprem funções comunicativas e identitárias, reforçando a expressividade da fala e reflete aos aspectos culturais da comunidade local.

2 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa está organizada no conjunto de procedimentos teóricos e práticos utilizados para investigar as atitudes linguísticas em relação aos ideofones dentro da localidade pesquisada, perfil dos informantes, instrumento para a coleta de dados e o questionário de atitudes.

2.1 Localidade pesquisada

A pesquisa adota uma abordagem quantitativa, traçando uma investigação da atitude linguística em relação ao uso dos ideofones na comunicação dos falantes da comunidade quilombola Oxóssi da Ribeira em Moju-PA.

A presente pesquisa foi realizada na comunidade quilombola Oxóssi da Ribeira, localizada na zona rural do Município de Moju, mesorregião Nordeste do Pará. A comunidade é reconhecida oficialmente, do ponto de vista político e social por meio da Associação Quilombola Oxóssi da Ribeira, fundada em 2006. Situada à margem direita do Baixo Rio Moju geograficamente, ocupando uma área de 1.303, 5089 hectares, conforme documentos oficiais (ITERPA, 2010). A área está inserida no território quilombola de Jambuaçu, com acesso pela Rodovia dos Quilombolas.

Figura 1- Entrada da Comunidade



Fonte: elaboração própria.

De acordo com a história contada pelos moradores sobre a origem da comunidade, a existência se deu em meados de setembro de 1733, que tinha como referência o nome de “Ribeira de naus de Belém”, também chamada de Ribeira de Moju, através de uma carta do provedor da Fazenda Real da Capitania do Pará para o Rei D. João V. A partir desse contexto, a comunidade também tem uma forte ligação com a extração madeireira em que na época foi uma das atividades empreendedoras pelos colonizadores e para a freguesia da cidade de Moju.

Atualmente, a comunidade Oxóssi da Ribeira, cresceu significativamente e é reconhecida como povo Remanescente de Quilombos, desde de 26 de setembro de 2006, em que por meio de alguns moradores descendentes de negros escravizados permaneceram na

comunidade, iniciando as raízes afrodescendentes, sendo assim, tiveram uma grande contribuição na história da construção da comunidade.

A comunidade conta com 66 famílias e aproximadamente 200 associados fundadores e moradores, com exercício em agricultura como renda familiar. A comunidade possui escola que atende 11 comunidades do entorno como as ribeirinhas e do campo, para os cuidados da saúde dos moradores há um posto de saúde regularizado que atende toda a comunidade, também possui abastecimento de água para toda a comunidade e no esporte e lazer contam com um Ginásio Poliesportivo.

2.2 Perfil dos informantes

A pesquisa foi realizada com 8 (oito) informantes, selecionados e estratificados em faixa etária (20 a 39 anos e 45 anos em diante) e sexo/gênero (masculino e feminino), todos moradores da comunidade quilombola, deste modo, o permitiu a captação de uma variedade significativa de percepções. Vejamos a tabela contendo a estratificação social dos informantes:

Tabela 1: Estratificação social dos informantes

SEXO/GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE DE INFORMANTES
HOMENS	20 a 39 anos	2 informantes
	45 anos em diante	2 informantes
MULHERES	20 a 39 anos	2 informantes
	45 anos em diante	2 informantes

Fonte: elaboração própria

A escolha dos informantes se deu pelos critérios sociolinguísticos, a partir das considerações metodológicas de Tarallo (1997), visando entrevistar moradores da comunidade para detectar maneiras e costumes de fala. De acordo com Tarallo (1997), “o propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados” (p. 21) esse primeiro contato é um passo crucial para se aproximar mais dos falantes e deixá-los à vontade, segundo o autor

“O seu objetivo central será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade de falantes e sobre os informantes que a compõem.” Tarallo (1997, p.21)

A partir disso, foi feita a seleção dos informantes, divididos em faixa etária e sexo/gênero, segundo Tarallo (1997), “O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo (...)” (p. 21), em consonância com essa perspectiva, optou-se por esse tipo de seleção dos informantes da comunidade pesquisada, em diversidade de idade e gênero, para captar os ideofones na língua desses falantes, permitindo a compreensão das atitudes linguísticas diante da fala.

2.3 Instrumento para a coleta de dados

O levantamento dos dados foi realizado por meio da aplicação do questionário de atitudes adaptado de Silva (2019). As gravações de áudio foram realizadas para saber inicialmente o que os falantes pensam, sentem e acreditam sobre determinadas formas de falar. O questionário possui perguntas divididas em 05 (cinco) blocos, todas com o intuito de saber o que o informante pensa sobre as palavras contrárias e frases presentes no questionário. A gravação de áudio com as amostras de fala foi realizada por outras pessoas, com o intuito de que o informante escutasse e respondesse o questionário com uma lista de frases e palavras, de acordo com o que ele acha sobre a fala das pessoas no áudio escutado.

2.4 Questionário de atitudes

O questionário aplicado na comunidade, teve como objetivo saber as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao modo de falar local. Para isso, foi aplicado o questionário com 5 blocos de perguntas que abordam as percepções subjetivas e comparações com outras variedades linguísticas do Português falado. No Bloco I, os participantes avaliam a fala da comunidade por meio de pares de adjetivos sendo opostos, por exemplo, “bonita e feia”, assinalando qual posição acha mais adequado.

O bloco II visa saber a percepção do falante, sobre qual variedade do português falado é considerado “melhor”, ou seja, busca revelar uma preferência linguística entre os diferentes modos de fala de determinadas regiões do Brasil. O Bloco III trata das atitudes em torno de “falar bem” e quem detém de uma forma específica de falar, ao uso de norma culta/padrão, clareza de comunicação. Já o bloco IV busca saber a aceitação e valorização de diferentes formas de fala através de frases que são de outras regiões e que fazem parte do cotidiano dos falantes, marcadas pela oralidade e regionalismo ou até mesmo próximas da norma culta.

E por último, o bloco V, analisa as atitudes dos falantes da comunidade a partir dos estímulos de fala, por meio da escuta de duas gravações com duas maneiras distintas de fala, apresentando ao informante exemplos reais e possibilitando que os informantes expressem suas percepções diante das falas. Assim, os informantes ouvem a fala I e II, de modo que a fala I contém ideofones e a fala II não contém ideofones e após isso, respondem as perguntas sobre a percepção e impressão que tiveram.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção apresentaremos a descrição e análise dos resultados da pesquisa feita na comunidade quilombola Oxóssi da Ribeira no município de Moju-PA. Para isso, os resultados foram organizados de acordo com as variáveis analisadas como (sexo/gênero) e (faixa etária) com a presença e ausência de estímulos de fala. Inicialmente, os dados serão apresentados em forma de tabela que sintetizam as respostas dos informantes a diferentes perguntas sobre suas atitudes quanto ao modo de falar da comunidade e de outras regiões. Em seguida, cada dado será analisado de forma descritiva com base nos objetivos da pesquisa. Assim, a organização, dessa maneira, visa facilitar a compreensão das atitudes linguísticas de cada informante, permitindo perceber os padrões de falas e possíveis influências sociais e culturais que permeiam na região da localidade pesquisada.

3.1 Atitudes linguísticas e a variável sexo/gênero (resultado geral)

Os resultados obtidos mostram que na comunidade, os falantes do sexo masculino disseram, em sua maioria, que o seu modo de falar não é bonito e nem feio, portanto, apresentam uma atitude neutra. Também tivemos um maior número de respostas de falantes que consideraram a sua própria fala clara (mulheres), expressiva (mulheres), conhecida (homens), simples (mulheres) e importante (homens e mulheres). Vejamos os resultados na tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) da comunidade (variável sexo/gênero)

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Bonita	-	2	3	1	2	2	Feia
Cantada	2	2	-	1	1	1	Não cantada

Clara	1	3	1	1	2	1	Confusa
Chiada	2	2	1	1	-	1	Não chiada
Expressiva	3	4	1	1	-	-	Inexpressiva
Simples	1	3	1	1	2	-	Complicada
Agradável	2	2	1	-	1	1	Desagradável
Melodiosa	1	1	2	2	-	-	Sem Melodia
Conhecida	3	2	1	2	1	-	Desconhecida
Importante	3	3	2	1	-	-	Sem importância
Lenta	-	-	2	1	1	2	Rápida
TOTAL	18	26	15	12	10	8	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Como podemos observar, as respostas com maior frequência figuraram no campo das atitudes positivas em relação ao seu próprio falar (clara, expressiva, simples, conhecida e importante). Dentre as atitudes negativas podemos destacar os falantes que consideram o falar da comunidade feio (duas respostas para homens e mulheres), além de confusa e rápida, com uma resposta cada.

Já os resultados referentes a como os falantes da comunidade acham a forma de falar de outros lugares, tivemos os seguintes resultados: sobre o melhor se o melhor português é falado na comunidade, tivemos a prevalência da atitude neutra, mesmo resultado em relação ao português falado em Belém. Já a questão relativa ao melhor português falado ser do Sul do Brasil, tivemos a prevalência da atitude negativa e se todos os brasileiros falam igual, a maioria dos falantes da comunidade demonstrou ter uma atitude negativa. Vejamos os resultados completos da tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) da comunidade e de outros lugares” (variável sexo/gênero)

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
O melhor português falado é o da Comunidade.	1	1	3	4	1	-

O melhor português falado é o de Belém.	1	1	4	3	-	1
O melhor português falado é o de Sul do Brasil.	1	-	1	2	3	3
Todos os brasileiros falam igual.	1	2	-	-	4	3
TOTAL	4	4	8	9	8	7

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Esses resultados demonstram que os falantes da comunidade possuem consciência linguística de que não há variedades melhores e nem piores que as outras, mas que temos uma diversidade de falares, o que é corroborado com a atitude negativa em relação a questão de que os brasileiros falam igual e que, portanto, há diversidade linguística no Brasil.

3.1.1 Atitudes linguísticas com estímulo de fala (variável sexo/gênero)

Os resultados obtidos a partir do estímulo de fala (com a presença de ideofones), os falantes do sexo feminino disseram, em sua maioria que o seu modo de falar é expressivo, melodioso e conhecido, portanto, uma atitude positiva. Também tivemos um maior número de respostas de falantes que consideraram a sua própria fala chiada (homens), expressiva (homens), conhecida (homens). Vejamos os resultados na tabela 5 a seguir:

Tabela 5: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) da comunidade (variável sexo/gênero), com estímulo de fala.

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Bonita	-	1	1	2	1	2	Feia
Cantada	-	1	2	3	-	-	Não cantada
Clara	1	2	1	-	3	2	Confusa
Chiada	3	2	-	-	-	1	Não chiada
Expressiva	3	3	-	1	1	-	Inexpressiva
Simples	1	1	-	2	-	1	Complicada
Agradável	-	-	1	1	2	1	Desagradável
Melodiosa	-	3	-	-	1	1	Sem Melodia
Conhecida	4	3	-	1	2	-	Desconhecida

Importante	-	2	-	2	1	-	Sem importância
Lenta	1	1	1	-	2	2	Rápida
TOTAL	13	19	6	12	12	10	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

É possível perceber que as mulheres apresentaram mais respostas positivas em relação ao seu próprio falar (clara, expressiva, melodiosa, conhecida). Já os homens associaram a fala da comunidade à característica conhecida e expressiva. No campo negativo percebe-se que os homens atribuíram a fala dizendo que é confusa, com três ocorrências.

Se tratando da forma de falar da outra pessoa e o que os falantes da comunidade acham de que lugar essa pessoa é, a partir do estímulo de fala, tivemos os seguintes resultados: ambos os sexos (homens e mulheres) atribuíram com maior frequência, que a fala da outra pessoa era do interior/campo. Vejamos os resultados completos da tabela 6 a seguir:

Tabela 6: Resultados referente a pergunta “pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser” (variável sexo/gênero), com estímulo de fala.

	Homem	Mulher
De Belém	-	-
De Moju	-	1
Do interior/campo	5	3
De outro lugar	-	1
TOTAL	5	5

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Os homens e mulheres identificaram que a fala ouvida seria a do item interior a qual teve maior frequência. Associando essa percepção a um falar não urbano, possivelmente relacionado aos traços marcantes do falar regional. A fala de Belém não foi mencionada, já o falar de Moju foi citado uma única vez, assim como o falar de outro lugar

Já os resultados referentes a pergunta do que os falantes acham da sua própria fala e referente ao do outro falante, os homens disseram que tem a fala mais bonita e que conseguiriam imitar facilmente a fala da outra pessoa. Já as mulheres conseguiriam facilmente imitar a fala da outra pessoa, ou seja, ambos os sexos demonstraram atitudes positivas. Vejamos os resultados completos da tabela 7 a seguir:

Tabela 7: Resultados referente a pergunta “acho a minha própria fala (modo de falar) e do outro” (variável sexo/gênero), com o estímulo de fala.

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
Sim	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Não
a. Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?							
Sim	4	2	1	2	-	1	Não
b. Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?							
Sim	5	3	-	1	-	-	Não
c. Você acha que essa pessoa fala bem o português?							
Sim	-	-	4	2	1	3	Não
d. Você acha que essa pessoa tem baixa escolaridade?							
Sim	2	1	2	4	1	-	Não
TOTAL	11	6	7	9	2	4	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Os homens e mulheres afirmaram com maior frequência no campo positivo que conseguiriam imitar a fala ouvida (mulheres) ou que possuem a fala mais bonita que dá outra pessoa (homens). Assim como também reconheceram que a outra pessoa fala bem o português. No entanto, o item sobre a (baixa escolaridade) da pessoa dividiu opiniões em atitudes neutras, com os homens mais propensos a associarem a fala a baixa escolaridade. Esse resultado demonstra indícios que a fala de pessoas com baixa escolaridade pode ser alvo de preconceito linguístico.

3.1.2 Atitudes linguísticas sem estímulo de fala (variável sexo/gênero)

Os resultados obtidos sem o estímulo de fala, os falantes do sexo feminino responderam, em sua maioria que o seu modo de falar é bonito e claro, portanto, uma atitude positiva. Também tivemos um maior número de respostas de falantes que consideraram a sua própria fala clara (homens) e chiada (homens). Vejamos os resultados na tabela 8 a seguir:

Tabela 8: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) da comunidade (variável sexo/gênero), sem estímulo de fala.

	POSITIVA	NEUTRA	NEGATIVA
--	----------	--------	----------

	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	
Bonita	2	3	1	2	1	-	Feia
Cantada	-	2	2	1	-	-	Não cantada
Clara	3	3	-	1	2	-	Confusa
Chiada	3	1	-	2	-	-	Não chiada
Expressiva	2	1	-	3	-	-	Inexpressiva
Simples	-	1	1	1	2	1	Complicada
Agradável	2	1	-	2	2	-	Desagradável
Melodiosa	-	1	1	2		-	Sem Melodia
Conhecida	1	1	1	2	1	-	Desconhecida
Importante	2	1	-	3	1	-	Sem importância
Lenta	-	1	2	2	1	-	Rápida
TOTAL	15	16	8	21	10	1	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Podemos notar, que as mulheres mantêm maior tendência a avaliar no campo positivo a própria fala, principalmente no item (bonita e clara). Os homens tendem a associar a fala à característica chiada com maior frequência. As respostas positivas e neutras entre as mulheres superam o campo negativo, revelando a valorização da fala local, mesmo sem estímulo.

Os resultados referentes ao modo de falar da outra pessoa e de que lugar os falantes da comunidade acham que ela é, tivemos o seguinte resultado: os homens associaram com maior frequência a fala da outra pessoa a moradores de Belém. Enquanto as mulheres se dividiram entre Belém, Moju ou até mesmo de outro lugar não identificado. Vejamos os resultados na tabela 8 a seguir:

Tabela 8: Resultados referente a pergunta “pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser” (variável sexo/gênero), sem estímulo de fala.

Homem	Mulher
-------	--------

Sim	-	-	-	3	4	2	Não
TOTAL	10	4	4	11	5	3	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Ambos os gêneros afirmam positivamente que conseguiram imitar a fala da outra pessoa. Mas no item (modo de falar) mais bonita, as mulheres foram mais diretas em manter suas opiniões neutras, enquanto os homens dividiram suas opiniões. Percebe-se que o item referente à baixa escolaridade tivemos, entre ambos os gêneros, uma percepção associativa entre fala e nível de escolaridade, pois tivemos quatro respostas de homens atribuindo que a fala não é de uma pessoa com baixa escolaridade. Nas próximas seções detalharemos os resultados em função da faixa etária.

3.2 Atitudes linguísticas e a variável faixa etária (resultado geral)

Os falantes entre 20 e 39 anos associaram com maior frequência a própria fala em cantada, clara, chiada, expressiva, simples, conhecida e importante. Enquanto os falantes de 45 anos em diante associaram a sua própria fala em bonita, expressiva, agradável e importante, assim, resultando em atitudes positivas. Também é possível perceber que na atitude neutra possui uma frequência alta aos falantes entre 20 e 39 anos. E na atitude negativa uma maior frequência entre os falantes da faixa etária de 20 e 39 anos. Apesar disso, aparecem traços neutros e negativos com menor frequência. Vejamos os resultados completos da tabela 9 a seguir:

Tabela 3: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) da comunidade (variável faixa etária)

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	
Bonita	1	2	4	-	2	1	Feia
Cantada	3	-	-	1	1	1	Não cantada
Clara	3	1	1	1	2	1	Confusa
Chiada	3	-	1	1	1	-	Não chiada
Expressiva	5	2	1	1	-	-	Inexpressiva

Simples	3	1	1	1	1	1	Complicada
Agradável	2	2	1	-	2	-	Desagradável
Melodiosa	2	-	3	1	-	-	Sem Melodia
Conhecida	4	1	1	1	1	-	Desconhecida
Importante	3	3	2	1	-	-	Sem importância
Lenta	-	-	2	1	3	-	Rápida
TOTAL	29	12	17	9	13	4	

Fonte: da autora

Observa-se que os jovens demonstram atitudes mais positividade em relação sua própria maneira de falar, especialmente no que diz respeito à expressividade, clareza e reconhecimento. Em contrapartida, os falantes mais velhos tendem a valorizar os seus aspectos tradicional e social da sua própria localidade. Essas atitudes revelam contrates sobre as gerações, em seguida de uma percepção valorativa da linguagem e como tudo atravessa por meio de fatores sociais.

Os resultados referentes o que os falantes da comunidade acham o modo de falar de outros lugares, tivemos os seguintes resultados: sobre se todos os brasileiros falam igual, tivemos a prevalência da atitude positiva, da faixa etária de 45 anos. Já a questão relativa ao melhor português falado é o da comunidade e se melhor português falado é o de Belém, tivemos a prevalência da atitude neutra entre os falantes da faixa etária de 20 a 39 anos. Se tratando do se o melhor português falado é do Sul do Brasil ou se todos os brasileiros falam igual, os falantes da faixa etária de 20 a 39, demonstrou ter uma atitude negativa, assim como os falantes de 45 anos em diante acham que o melhor português falado não é o do Sul do Brasil. Vejamos os resultados completos da tabela 4 a seguir:

Tabela 4: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) de outros lugares (variável faixa etária)

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA	
	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante
O melhor português falado é o da Comunidade.	-	2	5	2	1	-

O melhor português falado é o de Belém.	-	2	6	1	-	1
O melhor português falado é o de Sul do Brasil.	-	1	3	-	3	3
Todos os brasileiros falam igual.	-	3	-	-	6	1
TOTAL	-	8	14	3	10	5

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Os resultados revelam diferenças de atitudes entre as gerações, pois os mais velhos apresentaram uma atitude negativa sobre o melhor português falado é o do Sul do Brasil e concordam que todos brasileiros falam igual, enquanto os mais jovens apresentaram uma atitude neutra em relação ao português falado na comunidade e em Belém. Os jovens também rejeitaram a ideia que o melhor português falado é o do Sul do Brasil e não acreditam que todos os brasileiros falam igual.

3.2.1 Atitudes linguísticas com estímulo de fala (variável faixa etária)

Os resultados obtidos, referente ao que os falantes acham do modo de falar da comunidade, de 20 a 39 anos acham que a fala é chiada e conhecida, sendo atitudes positivas. Enquanto os falantes de 45 anos em diante acham o modo de falar expressivo, portanto, uma atitude positiva. Já na atitude neutra, outra parte dos falantes entre 20 a 39 anos não acham nem que sim e nem que não que a fala é cantada. E na atitude negativa os falantes de 45 anos em diante acham que a fala não é confusa. Vejamos na tabela 10 a seguir:

Tabela 10: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) da comunidade (variável faixa etária), com estímulo de fala.

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 em diante	
Bonita	-	1	2	1	2	1	Feia
Cantada	-	-	3	1	1	-	Não cantada
Clara	1	2	2	-	2	3	Confusa
Chiada	3	2	-	-	2	-	Não chiada
Expressiva	2	3	1	-	-	1	Inexpressiva

Simples	1	1	1	1	2	-	Complicada
Agradável	-	-	2	-	2	1	Desagradável
Melodiosa	2	2	-	-	2	-	Sem Melodia
Conhecida	5	2	1	-	2	1	Desconhecida
Importante	1	1	2	1	1	-	Sem importância
Lenta	1	1	1	-	3	1	Rápida
TOTAL	16	15	15	4	19	8	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

As respostas positivas predominarem nas duas faixas etárias, junto do estímulo de fala, demonstrando que os falantes percebem que sua própria fala tem características e atributos bem avaliados. Isso, evidencia que, ao escutar a própria fala, os informantes refletem sobre seus traços que a tornam legítima e significativa. Ao mesmo tempo que criticam, o que não corresponde com suas percepções diante da sua fala na realidade.

Os resultados referentes do modo de falar da outra pessoa e que lugar os falantes da comunidade acham que ela pertence, teve o seguinte resultado: os falantes de 20 a 39 anos e 45 anos em diante acham que são do interior/campo. Vejamos na tabela 11 a seguir:

Tabela 11: Resultados referente a pergunta “pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser” (variável faixa etária), com estímulo de fala.

	20 a 39 anos	45 anos em diante
De Belém	-	-
De Moju	-	1
Do interior/campo	5	3
De outro lugar	1	-
TOTAL	6	4

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Nota-se que ambas faixas etárias atribuíram a fala apresentada a pessoas do interior. Essa associação da fala para os falantes possui trações linguísticas ouvidos e percebidos que pertencem ao contexto do campo. Essa atitude pode ser entendida como reflexo do estereótipo do povo interiorano, reflexo do contexto sócio-histórico, que caracteriza o falar das populações rurais como diferente.

Em relação ao que os falantes da comunidade acham da sua própria forma de falar comparada com a do outro, tivemos o seguinte resultado: se a sua forma de falar é mais bonita que a do outro, os falantes de 20 a 39 anos disseram que sim, sendo uma atitude positiva. E se tratando se os falantes da comunidade sabem imitar o falar do outro, os falantes de 20 a 39 anos e 45 anos em diante disseram com maior frequência que sim.

E o que eles acham se a pessoa fala bem o português, uma parte dos falantes de 20 a 39 anos disseram que sim e a outra parte disse que não, nota-se uma atitude positiva e negativa dividida. Enquanto aos falantes de 45 anos em diante disseram que sim. Os falantes de 20 a 39 anos tiveram uma atitude neutra em relação à baixa escolaridade da outra pessoa. Vejamos na tabela 12 a seguir:

Tabela 12: Resultados referente a pergunta “acho a minha própria fala (modo de falar) e do outro” (variável faixa etária), sem estímulo de fala.

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
Sim	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	Não
a) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?							
Sim	4	2	2	1	-	1	Não
b) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?							
Sim	6	4	-	-	-	-	Não
c) Você acha que essa pessoa fala bem o português?							
Sim	-	-	3	3	3	1	Não
d) Você acha que essa pessoa tem baixa escolaridade?							
Sim	1	2	4	2	1	-	Não
TOTAL	11	8	9	6	4	2	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Assim, os falantes da faixa etária de 20 a 39 anos demonstraram mais segurança ao afirmar que conseguiriam imitar a fala do outro, enquanto a faixa etária de 45 em diante mantiveram uma posição mais neutra. Pode-se observar que ao serem questionados se existe uma fala mais bonita do que a outra pessoa, as duas faixas etárias se dividiram em atitude positiva e neutra. Já no campo de escolaridade, falantes da faixa etária de 20 a 39 anos

associaram a forma de falar a pessoas com baixa escolaridade. Esse dado demonstra a ideia de que a maneira de falar é utilizada como critério de julgamento social, inclusive pode potencializar a ocorrência de preconceito linguístico (cf. Bagno, 2015).

3.2.2 Atitudes linguísticas sem o estímulo de fala (variável faixa etária)

Os resultados obtidos, sem o estímulo de fala, tiveram os seguintes resultados: os falantes entre 20 a 39 anos avaliaram o modo de falar da comunidade com maior predominância nos itens: bonita, clara, chiada, expressiva, conhecida e importante, atitude positiva. Enquanto a faixa etária 45 anos em diante avaliaram a fala positivamente com maior frequência no atributo referente à fala bonita. Na atitude neutra, tivemos percepções com maior frequência da faixa etária de 20 a 39 anos em que a fala é agradável, melodiosa e lenta.

Também é possível notar que na atitude negativa a faixa etária de 20 a 39 anos também atribuiu com maior frequência o atributo de que a fala não é complicada. Vejamos os resultados completos na tabela 13 a seguir:

Tabela 13: Resultados referente a pergunta “acho a fala (modo de falar) da comunidade (variável faixa etária), sem estímulo de fala.

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	
Bonita	3	3	2	-	1	-	Feia
Cantada	2	-	2	1	1	-	Não cantada
Clara	4	2	1	1	2	-	Confusa
Chiada	3	1	1	1	-	-	Não chiada
Expressiva	3	-	1	2	-	-	Inexpressiva
Simples	1	-	1	1	3	1	Complicada
Agradável	2	1	3	-	2	-	Desagradável
Melodiosa	1	-	3	1	-	-	Sem Melodia

Conhecida	3	-	1	1	2	-	Desconhecida
Importante	3	-	2	2	-	1	Sem importância
Lenta	1	-	3	1	1	-	Rápida
TOTAL	26	7	20	11	12	2	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Dessa forma, os mais jovens tendem a apresentar maior frequência de atitudes positivas, o que reflete um posicionamento mais crítico diante da sua forma de falar. Já para os mais velhos, houve menos engajamento nas respostas, com tendência para o maior número de respostas neutras.

Os resultados referentes ao modo de falar da outra pessoa e o que os falantes da comunidade acham de que lugar o outro falante pode ser, tivemos o seguinte resultado: os falantes da faixa etária de 20 a 39 anos associaram a fala com maior frequência que seria de Belém, enquanto a faixa etária de 45 anos em diante se dividiram entre os lugares de Belém, Moju, interior/campo, outro lugar. Vejamos na tabela 14 a seguir:

Tabela 14: Resultados referente a pergunta “pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve “ser” (variável faixa etária), sem estímulo de fala.

	20 a 39 anos	45 anos em diante
De Belém	4	1
De Moju	2	1
Do interior/campo	-	1
De outro lugar	-	1
TOTAL	6	4

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

As percepções de ambas as faixas etárias podem ser interpretadas da seguinte forma, os mais jovens possuem uma referência linguística da representação da fala da outra pessoa, como

se a fala sem os ideofones fosse de Belém. Enquanto entre os mais velhos não houve predomínio de nenhuma resposta.

Referente ao que os falantes da comunidade acham sobre a sua forma de falar comparada com a do outro, temos os seguintes resultados: os falantes de 20 a 39 anos apresentaram uma atitude neutra, assim como os falantes de 45 anos em diante. Ao se tratar se os falantes da comunidade conseguiam imitar a fala do outro, os falantes de 20 a 39 anos disseram com maior frequência que sim, e os de 45 anos em diante também.

E o que os falantes acham se a outra pessoa fala bem o português, uma parte dos falantes de 20 a 39 anos responderam com uma atitude positiva, enquanto que outra parte dos informantes jovens manteve a atitude neutra. Sobre o que eles acham pela forma de falar do outro, se tem baixa escolaridade, apenas os falantes de 20 a 39 anos apresentaram maior frequência de respostas negativas. Vejamos os resultados na tabela 15 a seguir:

Tabela 15: Resultados referente a pergunta “acho a minha própria fala (modo de falar) e do outro” (variável faixa etária), sem estímulo de fala.

	POSITIVA		NEUTRA		NEGATIVA		
Sim	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	20 a 39 anos	45 anos em diante	Não
d) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?							
Sim	-	1	5	3	1	-	Não
e) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?							
Sim	6	3	-	1	-	-	Não
f) Você acha que essa pessoa fala bem o português?							
Sim	3	2	3	1	-	1	Não
g) Você acha que essa pessoa tem baixa escolaridade?							
Sim	-	1	2	1	4	2	Não
TOTAL	9	7	10	6	5	3	

Fonte: adaptação a partir de Silva (2019)

Assim é possível notar que as atitudes dos falantes, sem o estímulo de fala, demonstra que a fala do outro podem ser avaliadas a partir de uma crença linguística, que por hora pode está carregada de preconceito linguístico ou estereótipos enraizados no falante.

Observando os dados coletados com e sem estímulo de fala, é possível notar diferenças significativas nas atitudes dos falantes da comunidade. Sem o estímulo, as respostas tendem a refletir crenças linguísticas generalizadas na comunicação, muitas vezes baseadas em estereótipos e visões preconceituosas diante da forma de falar. E com o estímulo de fala, quando os falantes da comunidade ouviram os enunciados, as suas percepções se tornaram específicas, mostrando uma maior sensibilidade nas características linguísticas reais das falas apresentadas.

Essa comparação no tratamento dos dados coletados, evidencia que o contato direto com a fala pode alterar percepções em relação ao julgamento do falar do outro, o que indica que não é possível dissociar a linguagem dos aspectos sociais e identitários. Assim, discutir as atitudes linguísticas dos falantes é uma forma de compreender o lado multifacetado que a língua representa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises e discussões sobre as atitudes linguísticas em relação aos ideofones na comunidade pesquisada, permitiu evidenciar a consciência linguística dos falantes, as suas percepções e um olhar crítico sobre determinadas formas de falar. Os dados obtidos mostraram que os ideofones, embora esteja presente no cotidiano da comunidade, nem sempre são reconhecidos como elementos linguísticos que fazem parte da sua própria forma de falar, levando a atitudes positivas ou negativas a partir de sua percepção.

As atitudes linguísticas em relação oriundas da aplicação do questionário qualitativo, apresentaram diferenças de acordo com a faixa etária e sexo/gênero dos informantes, enquanto alguns dos informantes especialmente os mais novos e do sexo masculino, por exemplo, associam a fala como “menos correta” e os mais velhos tanto os homens como mulheres já associam os ideofones como partes da identidade local. Esse contraste revela a coexistência das atitudes e percepções diversificadas sobre a própria variedade linguística ou de outrem, influenciadas por fatores sociais e até mesmo educacionais.

Além disso, verificou-se que os estímulos de fala contribuíram para um maior reconhecimento dos ideofones, indicando a importância do contexto auditivo na percepção

linguística. Esses resultados reforçam a relevância de estudos que abordem a relação entre linguagem, percepção e formas cotidianas de fala, possibilitando uma descrição precisa da linguística em comunidades.

Ao mapear os ideofones aplicados na comunidade e analisar as atitudes dos falantes, o estudo busca contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a diversidade linguística do português brasileiro, com destaque para o falar da população quilombola. Além disso, a pesquisa reforça a importância da língua como forma de resistência e valorização da identidade.

Assim, conclui-se que o mapeamento das atitudes linguísticas em relação aos ideofones, contribuem para a compressão mais aprofundada das questões comunicativas da comunidade quilombola, o que eles pensam sobre a sua própria língua e a língua do outro, abrindo caminho para debates relacionados à identidade local, territorialização das variedades linguísticas e combate ao preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. Parábola Editorial, 2015.
- CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Macionilo. São Paulo: Parábola, 2002, pp. 73-77.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. de. **Sociolinguística**. Florianópolis, 2012.
- FUNGUETO, A. D. **Atitudes linguísticas: um estudo na localidade Paranaense de Guaíra**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE, Cascavel- PR, 2021.
- ITERPA-INSTITUTO DE TERRAS DO PARÁ. **Título de reconhecimento de domínio coletivo nº 02, de 2 de dezembro de 2008**. Belém, 2008. Disponível em: http://cpisp.org.br/wp-content/uploads/.2017/06/.T_RibeiradoJambuacu2008Iterpa.pdf. Acesso em: 19 de jul. 2025.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEMBREGO, C. R. C. **Atitudes e crenças linguísticas na comunidade de Nossa Senhora das Graças vila do cravo no município de Concordia do Pará**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Rural da Amazônia, Belém, 2023.
- MELO, H. F. F. **Ideofones: um estudo no falar paraense**. Orientador: Profa. Dra. Regina Célia Fernandes Cruz. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- SILVA, G. M. M. **Atitudes linguísticas diante dos ideofones na variedade do português falado em Cametá-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Linguagem – Universidade Federal do Pará, Cametá- PA, 2019.
- TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO SOBRE A FALA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA OXÓSSI DA RIBEIRA EM MOJU-PA, COM BASE NA ADAPTAÇÃO DE SILVA (2019).

Gostaríamos de saber o que você acha da fala (modo de falar) da comunidade. Para isso, elaboramos um questionário, que você deverá completar. Damos uma lista de pares de palavras contrárias com seis espaços entre elas. Você pode marcar sua opinião com um (X) no espaço que corresponde melhor ao que você pensa. Não há resposta “certa” ou “errada”.

BLOCO I

Acho a fala (modo de falar) da COMUNIDADE:

	CONCORDO	NEM CONCORDO E NEM DISCORDO	DISCORDO	
Bonita				Feia
Cantada				Não cantada
Clara				Confusa
Chiada				Não chiada
Expressiva				Inexpressiva
Simples				Complicada
Agradável				Desagradável
Melodiosa				Sem Melodia
Conhecida				Desconhecida
Importante				Sem importância
Lenta				Rápida

BLOCO II

	Concordo	Nem concordo e nem discordo	Discordo
O melhor português falado é o da Comunidade.			
O melhor português falado é o de Belém.			
O melhor português falado é o de Sul do Brasil.			
Todos os brasileiros falam igual.			

BLOCO III

	Concordo	Nem concordo e nem discordo	Discordo
Falar bem é utilizar a norma culta/padrão.			
Falar bem é expressar-se com clareza.			
Falar bem é falar como o povo.			
Há pessoas que falam melhor que outras.			

A pessoa que não usa a língua culta/padrão fala mal.			
É importante falar bem para obter um bom emprego.			
Capricho ao falar com o servente no trabalho.			
Capricho ao falar com os irmãos ou filhos em casa.			
Conversando com uma pessoa pelo telefone sou capaz de dizer qual o seu grau de escolaridade.			
A pessoa que só usa a língua culta/padrão é uma chata.			
A pessoa que só usa a língua culta/padrão é simpática.			
Quem deve melhorar a língua falada é a família			
Quem deve melhorar a língua falada é a escola			
Quem deve melhorar a língua falada é o indivíduo			

BLOCO IV

Qual a sua opinião em relação às frases seguintes:

	CONCORDO	NEM CONCORDO E NEM DISCORDO	DISCORDO	
a.				
Boa				
b. Fritei e comi até não querer mais mapará daquele fifti.				
Boa				
c. Começou o inverno e o açaí ficou caro.				
Boa				
d. Botei meu filho na escola.				
Boa				
e. Na feira do peixe só tem boto do teba.				
Boa				
f. Até aqui, os argumentos parecem bastante abstratos.				
Boa				

BLOCO V

Desejariamos saber o que você pensa da fala (modo de falar) da comunidade. Para isso, gravamos algumas pessoas falando. Você vai ouvir a gravação e responder o questionário que elaboramos. Damos uma lista de pares de palavras contrárias com seis espaços entre elas. Você pode marcar sua opinião com um (X) no espaço que corresponde melhor ao que você pensa.

FALA I

Agora você vai ouvir a primeira fala. Preste atenção porque ela só será ouvida uma vez. Não responda às questões antes de acabar de ouvi-la.

a) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é:

	CONCORDO	NEM CONCORDO E NEM DISCORDO	DISCORDO	
Bonita				Feia
Cantada				Não cantada
Clara				Confusa
Chiada				Não chiada
Expressiva				Inexpressiva
Simples				Complicada
Agradável				Desagradável
Melodiosa				Sem Melodia
Conhecida				Desconhecida
Importante				Sem importância
Lenta				Rápida

b) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser:

De Belém	
De Moju	
Do interior/campo	
De outro lugar	

	CONCORDO	NEM CONCORDO E NEM DISCORDO	DISCORDO	
Sim				Não
d) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?				
Sim				Não
e) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?				
Sim				Não
f. Você acha que essa pessoa fala bem o português?				
Sim				Não
g. Você acha que essa pessoa tem baixa escolaridade?				
Sim				Não

FALA II

Esta é a segunda fala. Não se preocupe com o que está sendo dito, mas como você está recebendo este modo de falar. Só responda às questões após acabar de ouvir a fala completa.

a) A fala (modo de falar) que você acabou de ouvir é:

	CONCORDO	NEM CONCORDO E NEM DISCORDO	DISCORDO	
Bonita				Feia
Cantada				Não cantada
Clara				Confusa
Chiada				Não chiada
Expressiva				Inexpressiva
Simples				Complicada

Agradável				Desagradável
Melodiosa				Sem Melodia
Conhecida				Desconhecida
Importante				Sem importância
Lenta				Rápida

b) Pela fala (modo de falar) dessa pessoa, ela deve ser:

De Belém	
De Moju	
Do interior/campo	
De outro lugar	

	CONCORDO	NEM CONCORDO E NEM DISCORDO	DISCORDO	
Sim				Não
d) Você tem a fala (modo de falar) mais bonita que a dessa pessoa?				
Sim				Não
e) Você conseguiria imitar a fala (modo de falar) dessa pessoa?				
Sim				Não
h. Você acha que essa pessoa fala bem o português?				
Sim				Não
i. Você acha que essa pessoa tem baixa escolaridade?				
Sim				Não

TEXTOS PARA A GRAVAÇÃO DOS ÁUDIOS

TEXTO I

Ela foi embora sim... rum! Não que ela não foi. Ela deixou todo mundo da casa dormir, arrumou a **boroca**, pegou os meninos, o mais **gito** que já tava até dormindo, pegou uma moto e foi embora. Não deu satisfação nem nada. **Malamá** que ela dissesse que ia voltar pra casa dos pais, né... mas não, deixou todo mundo agoniado lá. Depois mandou dizer que foi embora porque não deixavam ela criar os filhos dela do jeito dela, que era culpa nossa os meninos não respeitarem, que eles são **xibante**. Só que ela esquece que se não fosse a gente, ela ia tá **teteé** pelo sol por aí com essas crianças. Mamãe disse que se ela quiser voltar ela aceita, mas eu disse que não. Depois dessa palhaçada? Nem pensar! **Hem hem** que ela entra aqui muito, se ela passa do meu lado dou-lhe **bacu** nela.

TEXTO II

Ela foi embora sim. Deixou todo mundo da casa dormir, arrumou as coisas, pegou os meninos, o menor que já estava até dormindo, chamou um moto-táxi e foi embora. Não deu satisfação nenhuma. Ao menos que dissesse que voltaria para a casa dos pais. Mas não, deixou todo mundo preocupado. Depois mandou dizer que foi embora porque não conseguia criar os filhos, que a culpa era nossa por eles não respeitarem, por eles serem desobedientes. Só que ela esquece que se não fosse a gente, ela estaria por aí com essas crianças. Mamãe disse que aceita

ela de volta aqui em casa, mas eu disse que não. Depois dessa palhaçada? Negativo, aqui ela não entra. E se passar do meu lado dou-lhe um tapa nela.